

A Maçonaria Operativa

POR NICOLA ASLAN

Tendo em vista que a história da Maçonaria é algo de particularmente difícil e complexo, é lógico que, para nós, não têm sido muito simples encontrarmos o fio da meada que havia de nos fazer chegar a conclusão racional e portanto histórica.

Por um raro consurso de circunstâncias, a história da Maçonaria viu-se impregnada por uma multidão de elementos os mais heterogêneos que só trouxeram dificuldades aos estudiosos que muitas vezes desviavam. É que a cada passo a história mistura-se com a fábula, a lenda, o mito, decorrendo deste fato conclusões arriscadas e apressadas que, obtendo maior ou menor sucesso, acabam incrustando-se na soma de conhecimentos maçônicos.

O ofício do Talhador de Pedra forma a base da Maçonaria Operativa, da qual decorre a Maçonaria Especulativa. Enxertou-se a Maçonaria moderna naquele tronco milenar pelo simples fato de, durante os períodos históricos da Idade Média e dos Tempos Modernos, imperarem naquela arte, mais do que em qualquer outra, a disciplina, a cultura e a moral, pontos básicos na sociedade maçônica que se consubstanciaram nas chamadas Constituições de Anderson.

Tornava-se todavia preciso demonstrar-se que a Maçonaria Operativa nascera na Inglaterra e que os elementos que a compunham eram, todos, originários da Europa Ocidental e medieval e que em nem Roma e muito menos o Egito, a Índia ou a Caldéia, apesar das fábulas correntes em profusão o afirmarem, interferiram na arquitetura ocidental quando ela ressurgiu na Grã-Bretanha, na Gália e na Alemanha.

E com efeito, os bárbaros com a sua política de terra arrasada, destruíam todos os monumentos arquitetônicos da civilização romana, determinando o "reinado da madeira", promovendo o esquecimento total da arte do pedreiro e consequentemente da construção em alvenaria. E de tal sorte

que, quando as circunstâncias exigiram o renascimento da arte na Europa ocidental, esta encontrava-se novamente nas mais precárias condições de incipiência.

Por causa desta regressão da arquitetura e das artes, o nobre ofício do pedreiro permaneceu durante muito tempo sob a tutela da Igreja, a qual, mais do que qualquer outro, naquele período de fé intensa, necessitava de construir templos, visto que os edifícios construídos em madeira tinham-se tornado e demasiadamente pequenos, queimando com demasiada facilidade.

Os primeiros arquitetos, assim como os primeiros arquitetos em construção em pedra, durante a Alta Idade Média, foram sem dúvida padres seculares e monges, posto que os eclesiásticos tinham-se transformado em herdeiros da ciência antiga, refugiada nos mosteiros e nas catedrais fortificadas, sendo o completamente desconhecida às outras classes daquele século de ferro.

O resultado dessa incursão do clero na arquitetura, foi o nascimento do estilo romântico, assim chamado por ser derivado da arte romana. Mas era também chamado de estilo sacerdotal. Consiste em si mesmo na decomposição e no alívio dos suportes e na constituição de abóbadas tendentes a impedir os incêndios que se repetiam sempre. Semelhante estilo desenvolveu-se a partir do século XI.

Entretanto, o problema das abóbadas só ficou solucionado a partir do século XIII quando a arquitetura passou para as mãos dos leigos. Estes, aliviando as partes suportantes com a abertura de muitos vazios nas paredes, conseguiram a estrutura ogival também chamada de estilo gótico.

Este foi, essencialmente, o estilo das grandes catedrais medievais e a arte dos Maçons operativos; caracterizou-se pelo sistemático emprego da ogiva; pelo lançamento indefinido de abóbadas e colunatas e pela preeminência da linha vertical sobre a horizontais. Distingue-se, outrossim, o estilo pelo arrojo das formas e a riqueza dos ornatos, mística e completa expressão de catolicismo cristão.

Entrementes, com a invasão dos bárbaros na Europa ocidental, também surgiram as associações de modelo germânico, chamadas guildas, caridades, fraternidades, confrarias, hansas, corporações e outras denominações.

No começo, essas associações visavam a proteção mútua dos associados quando as autoridades careciam de capacidade e de elementos para garanti-la, ou quando eram despidas de condições morais para distribuir a justiça. Eram, ao mesmo tempo, associações de segura garantia o pagamento das pesadas multas pelo preço do sangue vertido a que estava sujeito, naqueles tempos sombrios, o matador, fosse pela autoridade, fosse para livrar-se da vingança dos parentes da vítima.

A religião, que tudo dominava na Idade Média, fazia assumir àquelas associações formas religiosas, colocadas como estavam sob a invocação de um santo. As confrarias cuidavam dos defuntos, das viúvas e dos órfãos, mandavam rezar missas e tratavam da parte social do ofício, distribuindo muitas esmolas.

Entretanto as corporações foram enriquecendo e impondo-se portanto. Transformaram-se em monopólios que acabaram hereditários. Quando se assenhorearam da administração de numerosas cidades, essas corporações comerciais aumentaram seus privilégios e monopólios, fechando as cidades aos produtos de fora e aos estrangeiros. E com a criação de toda espécie de obstáculos acabaram entravando o desenvolvimento econômico da nação e o progresso da técnica industrial. Foi preciso suprimi-las.

Desde os tempos mais recuados, quando o trabalho se organizou, ele passou a ter mestres, operários e aprendizes. Foi também esta estrutura que se impôs durante toda a Idade Média. No decorrer desse período, o aprendizado teve maior importância que em nossos dias; de certa forma, substituiu a instrução escolar, como a educação pós-escolar. Tornou-se um verdadeiro adestramento social, ao mesmo tempo que profissional.

O aprendiz fazia parte da família do mestre, porém a sua vida era bem difícil, sobre ele pesando todas as tarefas da oficina. Em compensação não lhe faltavam pancadas por parte do mestre como dos companheiros. Devia ter porém muita paciência para que estes lhe ensinassem bem o ofício e para que pudesse conseguir o certificado de saída outorgado pelo mestre. O certificado era-lhe sempre exigido quanto tivesse pretensões de ser companheiro ou mestre. Terminado o tempo de aprendizagem, e acompanhado pelo mestre, o aprendiz comparecia perante um conselho de jurados, isto é os guardas do Ofício. O mestre declarava que ele tinha prestado e terminado o serviço que devia. Entretanto, só depois de um ano é que ele se tornava livre para estabelecer-se por sua conta abrindo uma oficina, se para tanto possuísse um capital suficiente e também para pagar os inúmeros direitos exigidos ao ofício pelos jurados, a municipalidade ou o rei.

Sem o que, ele torna-se companheiro, ou seja um operário ou assalariado. Empregava-se então mediante contrato com o mestre, no qual eram estipuladas as condições de preço e duração que tanto podiam ser um dia, como uma semana ou uma estação, um ano ou mais.

O companheiro vivia também junto do mestre como um membro de sua família operária, quando a duração do emprego era maior. Ele podia chegar a ser o chefe da oficina, ou seja uma espécie de contramestre.

Nos ofícios livres, sem mestrado e sem jurados, o companheiro era livre podendo ser hoje operário e amanhã mestre.

Na nossa obra "A Maçonaria Operativa - Estudo crítico do Trabalho na Idade Média e nos Tempos Modernos" apresentamos todas as informações que nos foi possível coligar a respeito da Maçonaria Operativa. O leitor interessado nela encontrará, além da organização dos operativos nos vários campos de sua atividade profissional, a origem de muitos usos e costumes que ainda se praticam na Maçonaria e causam estranheza aos Irmãos menos informados.

Cabo Frio, 19 de março de 1980